

# CONCEITOS ECLESIOLÓGICOS DO SÉCULO II: UMA ANÁLISE DAS NOTAS *UNA E CATHOLICA* NOS ESCRITOS PÓS-APOSTÓLICOS

WINGERT, Diego dos Santos.<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa<sup>2</sup> apresenta uma sucinta análise bibliográfica de escritos clássicos do final do Século I até meados do Século II, visando tratar de forma limitada, central e indicativa a significativa questão da Igreja Cristã ser uma estrutura constituída de propriedades que a definem como: *Única (Una)* e *Universal (Catholica)*. Esta interpretação se constrói a partir da classe Patrística denominada de Pais Apostólicos; além de propor um sucinto enquadramento de outros escritos considerados doutrinários do mesmo período. Partindo desse conjunto literário se considerou falar sobre: a *unidade* e *universalidade* na formação eclesial no período pós-apostólico. Também, examinou-se (separadamente) na mesma seção: a compreensão Patrística Apostólica do tema, e a elaboração do mesmo na concepção de dois destacados autores do período (Clemente de Roma e Inácio de Antioquia). Por último, concisamente, se examinou escritos de caráter *comunitário* relacionados ao assunto (*Didaqué; Martírio de Policarpo;* outros). Desta maneira procurou-se, laconicamente, indicar fatores determinantes do desenvolvimento eclesiológico dos primeiros séculos.

Palavras-chave: Eclesiologia. Igreja. Patrística. Única. Universal.

## INTRODUÇÃO

A Eclesiologia Patrística é riquíssima em seu conteúdo, e significativa no processo de construção do *status* da ortodoxia cristã. A literatura primitiva nos mostra quão edificante é

---

<sup>1</sup> Teólogo graduado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); mestrando do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001./This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. E-mail: diego.wingert@acad.pucrs.br

<sup>2</sup> Artigo produzido junto a *cathedra* denominada: Estudos de Eclesiologia, do programa de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ministrada pela Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0644542740426095>

explorar os elementos constituintes da unidade, comunhão e concórdia que encontramos envolvendo a estrutura *mater* das primeiras *assembleias* cristãs. Sua funcionalidade impressiona pelo caráter e valor fraternal<sup>3</sup>, sendo estes balizados por laços de conduta moral amplamente difundidos em práticas ascéticas, honoríficas e piedosas de um comportamento organizacional que visava conscientemente ser ambivalente em seu cenário social<sup>4</sup>. Desse modo, desde muito cedo o corporativismo desse grupo de discípulos de um mestre “Galileu” se evidenciou por um caráter de uniformidade estrutural em seus ajuntamentos particulares (locais), além do fato de apresentarem analogia, identidade e semelhança com outros ajuntamentos externos (outras localidades) aos quais se comunicava/vinculava.

Assim sendo, encontramos já no princípio da Fé cristã do Século II a solidez de alguns componentes que estabeleceram bases de segurança para o processo de expansão prática desse credo, elaborando-se a partir dos escritos dos Pais o registro desses “insumos” estruturantes; nesta pesquisa, como acontecimento principal do processo de estabilização na ação organizacional da Igreja, tratou-se especificamente de duas de suas “marcas” distintivas: sua Unidade (*Una*) e sua Universalidade (*Catholica*) – utilizando-se como designativo/orientativo palavras traduzidas e aportuguesadas dos termos latinos clássicos – para a era Patrística. Este trabalho limita seu desenvolvimento a uma ordem cronológica que implica aproximadamente do ano 95 ao 170 d. C., descrito dentro da Patrística/Patrologia como fase dos Pais Apostólicos ou período pós-apostólico<sup>5</sup>.

O presente artigo se desenvolve em três seções principais. A primeira trata de uma sucinta elaboração do conceito de Eclesiologia nas comunidades cristãs no findar do Século I e início do Século II. A segunda abordou a definição de *unidade* e de *universalidade* na concepção Patrística Apostólica, enfatizando a teologia de dois seletos representantes desse período: Clemente de Roma e Inácio de Antioquia. Por último, abordou-se a descrição dos documentos de *instrução* dos primeiros cristãos seguindo as mesmas Propriedades/Notas eclesiais analisadas nos escritores anteriores, procurando dessa maneira constituir de forma sintética sua ideia congregacional/comunitária desses elementos dogmáticos tão importantes para a formulação do “ser” Igreja na história da humanidade.

---

<sup>3</sup> KELLY, 1994.

<sup>4</sup> MEEKS, 1997.

<sup>5</sup> DROHNER, 2008.

## 1 PRIMÓRDIOS DA ECLESIOLOGIA

Os escritos do Novo Testamento foram os balizadores daquilo que tornou-se a orientação rigorosa para o entendimento do que era “ser” e também do que era “conceber” Igreja (grego: *ἐκκλησία*) para os primeiros Pais – mesmo que essa diferenciação provavelmente não tenha existido em uma ordem pragmática. Padovese afirma que os “escritos do NT apresentam ‘eclesiologias’ diferentes, pois abordam o mistério de Cristo sob diferentes pontos de vista”<sup>6</sup>. Porém, não obstante veremos que a construção dogmática Patrística – mesmo parecendo não apresentar uma uniformidade em seu desenvolvimento<sup>7</sup> – ampara-se profundamente na sua leitura Escriturística proveniente da Tradição, o que a condiciona a um eixo comum, que é à revelação cristã por excelência.

A consciência eclesial acabou se fundamentando em um ambiente onde a *unidade* e *universalidade* da Fé complementou-se na estruturação da tradição apostólica<sup>8</sup> e nos rigores de uma funcional “abstinência” do mundo. A própria organização interna desse “corpo vivo” teve inúmeros representantes intelectuais, os quais moldaram a consciência ativa e até mesma passiva da revelação Neotestamentária.

Um ambiente amplo e variado surge nesse processo de construção da vida congregacional do período, que trazia consigo também uma pujante organização de uma “segunda” fase (um *Δεύτερον*: de qualidade constante a primeira) da Fé cristã que se caracterizava por uma ordem de caráter subapostólico. Para a história do Dogma, pode-se afirmar como também arguir diversas questões que figuram este abundante cenário de evolução, um exemplo dessa variedade está na afirmação positiva de Harnack apresentada por Padovese:

O simples fato de que, praticamente a partir do início do cristianismo, os cristãos se dedicaram a refletir e a especular não somente sobre Deus e Cristo, **mas também sobre a Igreja**, indica quão profundamente a consciência cristã estava marcada pela ideia de ser um novo povo, ou seja, o povo de Deus.<sup>9</sup>

O próprio Padovese segue nessa tese: “É, portanto, impensável uma adesão a Cristo que prescindia da comunidade. Por estar edificada sobre o *‘alicerce dos apóstolos e dos*

---

<sup>6</sup> PADOVESE, 1999, p. 95.

<sup>7</sup> SIMONETTI, 2010.

<sup>8</sup> *Id.*, 2010.

<sup>9</sup> HARNACK *apud* PADOVESE, 1999, p. 96, grifo nosso.

*profetas' e por ter Cristo como a pedra angular (cf. Ef 2,20)*<sup>10</sup>. Ou seja, a eclesiologia, o fazer, gerar e construir uma identidade de caráter existencial para a *assembleia* dos cristãos, era, e foi algo que ultrapassava uma necessidade fenomenológica para aqueles que desenvolviam o cristianismo como o novo *modus vivendi*. Assim concluímos que à Igreja considerava algumas de suas atribuições já como inatas, isso mediante Cristo (à Fé), a Escritura, e a Tradição, e estes condicionavam qualquer debate a perspectivas bem sólidas – mesmo que ainda pouco teorizadas para sua época<sup>11</sup>.

Torna-se difícil – e até mesmo indevido – diante da limitação deste trabalho procurar fazer algumas afirmações definitivas sobre a eclesiologia do período pós-apostólico, entretanto, vale ainda aplicarmos alguns pontos pacíficos em nossa descrição. A Igreja como mistério Divino revelado do agir salvífico de Deus através de Cristo por meio da Igreja é um desses elementos balizadores do relato Patrístico – tanto em nosso período de análise quanto posteriormente. A “identidade sacramental desse mistério Divino”<sup>12</sup> alicerça a importância que a Igreja possuía como à agente principal nessa constituição de proclamar a verdade revelada na concepção dos Padres.

Outro importante desígnio da Igreja em sua “estrutura” é a sua comunhão (*κοινωνία*). “Não vos deixeis iludir, meus irmãos. Se alguém seguir a um cismático, não herdará o reino de Deus; se alguém se guiar por doutrina alheia, não se conforma com a Paixão de Cristo.”<sup>13</sup>. A *unidade* se estabelecia pela doutrina de Cristo, solidificada na figura do Bispo e dos demais líderes, que orientavam a vida religiosa para um pleno exercício da *comunhão*. Quebrar ou romper esse vínculo, era comparado a um ato de apostasia. Dessa forma, entendemos que a *κοινωνία*, e sua sublimidade como elemento cristão, sem dúvida, se constitui como um dos assuntos mais amplos dos critérios para qualquer exame eclesiológico, o qual nesse espaço nos limitaremos a essa sucinta abordagem.

Por último, de forma sintética, citamos uma importante constituição eclesiológica atributiva do período pós-apostólico, nessa, à Hierarquia e/ou Governo Eclesiástico literalmente ganham forma (Episcopado, Presbitério, Diaconato) nos escritos dos Pais Apostólicos. Inácio de Antioquia possivelmente tenha sido o mais profícuo escritor nesse sentido, a ponto de Hägglund sugerir a partir do relato descritivo do Bispo Sírio que: “Como resultado,

---

<sup>10</sup> PADOVESE, 1999, p. 95.

<sup>11</sup> SIMENOTE, 2010.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 594.

<sup>13</sup> INÁCIO, *Epístola aos Filadélfios*, III, 3.

desenvolveu-se na igreja cristã primitiva um tipo de ordem congregacional mais definida, com jurisdição eclesiástica.”<sup>14</sup>.

Após discorrermos de forma concisa pela construção eclesiológica do Século II, nos limitando apenas a elaborar uma imagem descorada de um período abundante de teses e feitos, passamos então ao desenvolvimento central dessa pesquisa bibliográfica, à Eclesiologia na fase Apostólica Patrística, e a uma mais detalhada abordagem de dois de seus expoentes.

## **2 IGREJA ÚNICA E UNIVERSAL NA VISÃO PATRÍSTICA APOSTÓLICA**

De início vale ressaltar que conseguimos “determinar, com base nos Pais Apostólicos, quais eram os regulamentos eclesiásticos que estavam sendo consolidados na época.”<sup>15</sup>, entre esses, dois pontos tornam-se centrais na construção do pensamento constituinte da eclesiologia do Século II, onde, desde cedo os mesmos foram apresentados como elementos de agregação e concentração do entendimento cristão ordinário para sua época e para a própria história da ortodoxia: a *unidade* e a *universalidade* da estrutura – ainda de constituição unicamente humana – designada como Igreja.

Olhando-se de fora, a *ἐκκλησία* primitiva apresentava-se a época como uma enorme "colcha de retalhos", que através de sua militância, organizava-se por meio de estruturas locais e de caráter literalmente domiciliar – como já nos sustenta o relato bíblico: “[...] e à igreja que está **em tua casa**,”<sup>16</sup> –, que amparavam a ideia de serem disposições independentes, cada qual com uma “vida” à parte da outra, sendo hierarquicamente regionalizadas (por cidades, por províncias, ou por definição territorial similar), mesmo que “recebendo cada uma a designação de 'igreja’”<sup>17</sup>.

No entanto, a concepção dos primeiros discípulos que formavam essa estrutura humana era bem diferente. Em sentido restrito, e porque não dizer inveterado, todas essas comunidades/assembleias/domicílios tinham a consciência exata de fazerem parte de uma *única*, e *universal* instituição que ordenava sua existência como conjunto, a qual o termo grego *ἐκκλησία* acentuava sua definição associativa<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> HÄGGLUND, 1999, p. 19.

<sup>15</sup> *Id.*, p. 19.

<sup>16</sup> *Filemom* 1.2b, grifo nosso.

<sup>17</sup> KELLY, 1994, p. 142.

<sup>18</sup> MEEKS, 1997.

Desde cedo, a Igreja – tanto no pensamento dos escritores bíblicos como por conseguinte dos Pais Apostólicos – estabelecia esta conexão através e/ou por Cristo, aquele que é o Senhor (*Κύριος*) da Igreja através da singularidade da doutrina cristã<sup>19</sup>, a qual define desde cedo este soberano como o condutor/cabeça (*κεφαλή*) do corpo que é a Igreja (*Colossenses* 1.18); em Cristo condiciona-se um concatenamento da tradição dos apóstolos, e acima de tudo, sustenta e resgata sua mensagem original. Desta forma percebemos que os “Padres apostólicos apresentam, embora de maneira assistemática, temas importantes da constituição da comunidade cristã”<sup>20</sup>.

Dessa forma, concluímos que o embasamento cristológico era alicerce para a designação que constituía – ou melhor: “construía” – a esfera de *unidade* e *universalidade* do corpo que abarca essas propriedades. Na concepção Patrística Apostólica vemos essa consciência dogmática ancorada em alguns relatos. Policarpo exorta a comunidade à UNIÃO "na" e não "para" a VERDADE, em sua *Epístola aos Filipenses* lemos: “Permaneçei, portanto, firmes nessas coisas e segui o exemplo do Senhor, firmes e imutáveis na fé, amantes da fraternidade, amando-vos mutuamente, **unidos na verdade**, competindo na mansidão do Senhor, não desprezando ninguém.”<sup>21</sup>; também, através do relato de Eusébio nos deparamos com os fragmentos da obra de Pápias, que de forma similar caracteriza seu pensamento relativo ao ideário anterior, quando em formulação exortativa afirma:

Porque eu não me comprazia como outros com os que falam muito, mas com os que ensinam a verdade; nem tampouco com os que recordam mandamentos alheios, **mas com os que trazem na memória os (mandamentos) que receberam pela fé da parte do Senhor e nascem da própria verdade.**<sup>22</sup>

Desse modo, o mesmo (Pápias) salienta que o ensino trazido por irmãos (Presbíteros) verdadeiramente reconhecidos de outras localidades estabelecia a conexão destes com os mandamentos dados pelo Senhor à fé *única e universal* da Igreja. Assim, podemos conduzir todo esse exame para um patamar afirmativo, o qual sanciona que: a partir da figura de Jesus Cristo, o fiel/discípulo/cristão estaria unido ao TODO, ou seja, a um estado absoluto que se

---

<sup>19</sup> KELLY, 1994.

<sup>20</sup> BOGAZ, 2011, p. 66.

<sup>21</sup> POLICARPO, *Epístola aos Filipenses*, X, grifo nosso.

<sup>22</sup> EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, III, 39, 3, grifo nosso.

conforma em outra figura, a saber, à Igreja, que se qualifica através de seus predicados constitutivos de *unidade* e *universalidade*. Portanto, a partir disso condicionava-se – de forma inflexível e intransigente – a construção da ideia eclesiológica dos Líderes cristãos pós-apostólicos.

Após esse exame introdutório junto aos Pais Apostólicos, se procurará a partir de agora caracterizar o fenômeno da *unidade* e da *universalidade* através de uma abordagem sucinta – porém específica – de duas figuras singulares desse período, os Bispos: Clemente de Roma e Inácio de Antioquia.

## 2.1 IGREJA ÚNICA E UNIVERSAL EM CLEMENTE DE ROMA

A obra de maior credibilidade que disponibilizamos de Clemente (Bispo de Roma) é sua epístola a Igreja de Corinto escrita provavelmente no final do Século I (96-97 d. C.)<sup>23</sup>. Nesta o Bispo exorta-os “a viver em **unidade e superar as divisões** da comunidade, que são um escândalo para os não cristãos.”<sup>24</sup>. As intrigas e desavenças causadas por um processo de rebelião de “membros mais jovens [...] contra os presbíteros”<sup>25</sup> junto a essa comunidade grega arquitetaram uma reação exemplar do Bispo em direção a uma reabilitação da ordem, o mesmo diz: “Deixemos, portanto, as preocupações vazias e inúteis, e sigamos a norma gloriosa e venerada da nossa tradição.”<sup>26</sup>. Aqui contemplamos algumas esferas doutrinárias que norteiam o pensamento episcopal sobre o tema da *unicidade* há época; indiscutivelmente se concebe de forma praticamente pacífica<sup>27</sup> uma explícita tentativa pastoral de reconstruir um ambiente de unidade e concórdia em meio aos coríntios, Clemente escreve:

Para que haver brigas, ódios, disputas, divisões e guerras entre vós? Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo? Por que esquartejamos e rasgamos os membros de Cristo? Por que nos revoltamos contra o nosso próprio corpo, chegando a tal ponto de loucura? Esquecemo-nos de que somos membros uns dos outros? Lembrai-vos das palavras de Jesus, o Senhor nosso. Com efeito, ele disse: “*Ai desse homem! Melhor seria para ele não ter nascido, do que escandalizar um só dos meus eleitos! Melhor seria para ele que lhe fosse amarrada uma pedra de moinho e o atirassem ao fundo do mar, do que perverter um só dos meus eleitos!*”<sup>28</sup> Vossa divisão perverteu a muitos, desencorajou

---

<sup>23</sup> DROHNER, 2008, p. 55.

<sup>24</sup> BOGAZ, 2011, p. 67, grifo nosso.

<sup>25</sup> DREHER, 1999, p. 25.

<sup>26</sup> CLEMENTE, *Carta de Clemente aos Coríntios*, VII, 2.

<sup>27</sup> KELLY, 1994.

<sup>28</sup> Possivelmente Clemente utilizou o texto canônico do *Evangelho de Marcos* 9.42.

a muitos, fez com que muitos duvidassem, e nos entristeceu a todos. E vossas dissensões continuam!<sup>29</sup>

Seguindo um princípio lógico, através de uma inversão de proposições, encontra-se o sentido restaurativo ao qual Clemente busca estabelecer sua exortação. Por meio de um mecanismo maiêutico<sup>30</sup> o escritor dirige perguntas retóricas as quais encontram na narrativa bíblica – condicionada ao Senhor Jesus Cristo – também exortativa o epíteto desse quadro que visava trazer de volta à plena comunhão os membros separados. Logo, o afastar-se de: “disputas, divisões e guerras”, condiciona os cristãos de Corinto a uma escolha positiva diante da pergunta subsequente; o SIM como resposta a “um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós”<sup>31</sup> ampara a compreensão de um Corpo harmoniosamente saudável, que possui um caráter *único e universal*.

É fato a ser salientado que a carta de Clemente tem caráter e ordenamento apostólico, pois o próprio autor “também ressalta o significado do cargo de Bispo e insiste que os que ocupam tal cargo são os sucessores dos apóstolos.”<sup>32</sup>, como também é fato que a mesma tem relevância doutrinal em outras áreas da eclesiologia – como “à ordem hierárquica e litúrgica da Igreja [...] da doutrina da sucessão apostólica e uma teologia dos ministérios”<sup>33</sup> por exemplo. Entretanto, seu empenho primário em reorganizar a comunhão eclesial perdida na Igreja em Corinto tenciona o relato “à obediência para realizar aquela unidade”<sup>34</sup> que fora prejudicada, ou até mesmo perdida na ampla discórdia ocorrida. A vasta narrativa baseada nos textos da Escritura Sagrada encontrados entre os capítulos quatro (04) e trinta e oito (38) da obra, garantem um empenho engenhoso e salutar na busca de concórdia doutrinal, sendo desta maneira – mesmo que de forma implícita em algumas passagens da epístola – possível de se elaborar uma tese de que a obra predomina-se também no conceito do entendimento da *catolicidade* para sua época, caracterizando uma dilatada unidade da atuação do Bispo Romano para seu contexto, além de transmitir sua ideia particular de *unidade* em um conceito de

---

<sup>29</sup> CLEMENTE, *Carta de Clemente aos Coríntios*, XLVI, 5-8.

<sup>30</sup> Nota: grego: *maieutiké*, ciência ou arte do parto. Uma das formas pedagógicas do processo socrático, a qual consiste em multiplicar as perguntas, a fim de obter por indução dos casos particulares e concretos um conceito geral do objeto ou caso em estudo.

<sup>31</sup> CLEMENTE, *op. cit.*, XLVI, 6.

<sup>32</sup> HÄGGLUND, 1999, p. 19.

<sup>33</sup> SIMONETTI, 2010, p. 204.

<sup>34</sup> *Id.*, p. 204.



unicidade, pois nunca podemos esquecer que é uma carta escrita do *Corpus Mysticum* de Cristo que está em Roma para o mesmo *Corpus* que está em Corinto, como salienta de maneira implícita (não técnica) o próprio Clemente: “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Roma, para a Igreja de Deus que vive como estrangeira em Corinto.”<sup>35</sup>.

## 2.2 IGREJA ÚNICA E UNIVERSAL EM INÁCIO DE ANTIOQUIA

Inácio, Bispo da cidade de Antioquia, além de ser um dos mais excelsos Pais Apostólicos, também foi um dos primeiros bispos escritores da antiguidade, apresentando em seus escritos (um corpo de sete cartas) “significativos elementos dogmáticos”<sup>36</sup>, os quais promoveram – mesmo que de forma implícita – a compreensão da soberania e centralidade de Cristo como ponto de equilíbrio e condicionamento para a *unidade* e *universalidade* eclesial, isso se pode compreender quando o mesmo afirma: “Por isso, recebeu o Senhor unção sobre a cabeça para exalar em favor da Igreja o perfume da incorrupção.”<sup>37</sup>. Essa mensagem balizada em uma eclesiologia de índole “transcendental”<sup>38</sup> caracteriza parâmetros para uma reflexão quase teologal do cenário religioso dos cristãos de seu tempo, Inácio é enfático quando diz: “**Nada haja entre vós que possa dividir-vos**, mas uni-vos com o bispo e com os presidentes, para constituirdes uma imagem e um ensinamento de imortalidade.”<sup>39</sup>; os termos “ensinamento” e “imortalidade” exprimem propriedades funcionais as quais as figuras episcopais buscavam representar em sua uniformidade, além de figurar um princípio doutrinal relatado na carta anteriormente citada, onde a centralidade da “unção” que repousa na pessoa de Cristo é a base a qual o episcopado representa à unificação.

Inácio parece acentuar este endossamento cristológico em sua narrativa aos Esmirnenses; apresenta um padrão de Cristo para que os seus seguidores possam vincular-se a ele (Cristo), e necessariamente uns aos outros, sendo isso o fundamentado da suposta ligação teologal sugerida acima, processo que tornando-se independente de fatores secundários, estabelece a *unidade* e *universalidade* exigidas para a existência da Igreja, reafirmando o relato bíblico (*Gálatas* 3.26-29), e fazendo sucumbir paradigmas existenciais, até mesmo os elementos étnicos e políticos. O Bispo escreve:

---

<sup>35</sup> CLEMENTE, *Carta de Clemente aos Coríntios*, Introdução.

<sup>36</sup> BOGAZ, 2011, p. 69.

<sup>37</sup> INÁCIO, *Epístola aos Efésios*, XVII, 1.

<sup>38</sup> PADOVESE, 1999, p. 97; SIMONETTI, 2010, p. 592.

<sup>39</sup> INÁCIO, *Epístola aos Magnésios*, VI, 2, grifo nosso.

Sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes foi também de fato pregado (na Cruz), em carne, por nossa causa, fruto pelo qual temos a vida, pela Sua Paixão bendita em Deus, a fim de que Ele por Sua ressurreição levantasse Seu sinal para os séculos, em benefício de Seus santos fiéis, tanto judeus, como gentios, **no único corpo de Sua Igreja.**<sup>40</sup>

Importantíssimo em nossa pesquisa é ressaltar a relevância da passagem da *Epístola aos Esmirnienses* onde o escritor faz a primeira citação que se tem notícia do termo *Católica* (grego: *καθολικός*) na literatura cristã para designar a Igreja, assim lemos: “Onde quer que se apresente o bispo, ali também esteja a comunidade, **assim como a presença de Cristo Jesus também nos assegura a presença da Igreja católica.**”<sup>41</sup>. Notamos que possivelmente Inácio não escreve em estilo argumentativo na passagem grifada, e sim, em estilo descritivo. Desta forma, podemos expressar a definição de que a Igreja é *universal* por estar sob o senhorio de Cristo. Entretanto, devemos compreender que isso está explanado como uma consequência; a argumentação se desenvolve – sem possibilidade de dúvidas – na busca de definição que se solidifica através da figura episcopal em sua mediação, para assim se alcançar o estado de *unidade e universalidade* exigidos pela Tradição. Desta maneira, as propriedades (*unidade e universalidade*) evidenciadas na comunidade dos Santos, os quais estão sujeitos (unidos) ao episcopado, e estes (episcopado e comunidade) condicionados a presença de Cristo, formam a *ἐκκλησία καθολικός*.

Cabe ainda fazer uma consideração mais específica do ideário eclesiológico de Inácio relativo à sua percepção da *unidade e universalidade* da Igreja como “instituição” da Fé cristã por meio de sua estrutura hierárquica. Não nos deteremos na vasta e robusta concepção episcopal do escritor – nem da Igreja nesse período –, mas de maneira sucinta salientamos que para o Bispo de Antioquia parecia haver uma compreensão clara, devida e provinda do engenho da presença da figura bispal e de seu governo “monárquico”<sup>42</sup> junto as comunidades locais, desta maneira, como já dito acima, a Igreja se fazia presente onde o Bispo estivesse, assim como à *universalidade* a qual essa figura representava (o Bispo). O que vale frisarmos como ponto ainda não citado nesse trabalho, é que o quê constituía à presença de Cristo e da doutrina nas demais localidades/comunidades/congregações na concepção de Inácio era: a Eucaristia, o Batismo e o Ágape. Assim lemos:

---

<sup>40</sup> INÁCIO, *Epístola aos Esmirnienses*, I, 2, grifo nosso.

<sup>41</sup> *Ibid.*, VIII, 2, grifo nosso.

<sup>42</sup> SIMONETTI, 2010, p. 596.

Ninguém faça sem o bispo coisa alguma que diga respeito à Igreja. Por legítima seja tida tão somente a Eucaristia, feita sob a presidência do bispo ou por delegado seu. [...] Sem o bispo, não é permitido nem batizar nem celebrar o ágape. Tudo, porém, o que ele aprovar será também agradável a Deus, para que tudo quanto se fizer seja seguro e legítimo.<sup>43</sup>

Portanto, partindo dos “elementos” e “ofícios” que deveriam estar sob a presidência Episcopal, podemos concluir juntamente com Hägglund que para o autor, de forma singular “o bispo era o símbolo da unidade cristã e o portador da tradição apostólica”<sup>44</sup>. Conceito determinante para entendermos a Eclesiologia de Inácio.

Após essa análise de classe, passemos agora ao exame do tema para a esfera dos escritos comunitários de índole instrutiva.

### **3 IGREJA *UNA* E *UNIVERSAL* NOS ESCRITOS COMUNITÁRIOS**

Quando examinamos o ensino doutrinal apostólico do Século II, já encontramos uma clara descrição da constituição da *Assembleia dos Santos*, que apresenta traços de um caráter doutrinal bem consolidado em uma espécie de regramento para as comunidades<sup>45</sup>. A *Didaqué* é um exemplo claramente específico desse ordenamento, fazendo da obra “um testemunho importante, embora não completo, de uma estrutura bem antiga da comunidade”<sup>46</sup>. Em duas passagens distintas o escritor do catecismo primitivo reúne questões agregadoras que condicionam uma perspectiva bem ordenada do conceito de *unidade e universalidade* – a presença de doxologias junto as afirmações agregam qualificadores dogmáticos ao exposto desses esboços, a *Instrução* diz:

Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre. [...] Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e

---

<sup>43</sup> INÁCIO, *Epístola aos Esmirnenses*, VIII, 1-2.

<sup>44</sup> HÄGGLUND, 1999, p. 19.

<sup>45</sup> SIMONETTI, 2010.

<sup>46</sup> SCHÖLLGEN *apud* DROHNER, 2008, p. 63.

aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.<sup>47</sup>

Sob este prisma podemos identificar concepções sólidas de um gênio de firmeza magistral que já robustecia o cristianismo em seus primórdios<sup>48</sup>; na passagem acima, a descrição exegética da comunidade primitiva – possivelmente baseada no texto do *Evangelho de João* 6.1-13<sup>49</sup> – manifesta a evidência de um estado existencial: o “pão” que foi “semeado” e depois “recolhido”, torna-se uma sólida metáfora para constituir uma forma patente de catequese para fins comunitários na busca de uma ampla formatação de seus leitores. Este estilo literário juntamente com outros relatos congregacionais, nos permitem desde cedo conjecturar a partir de conceitos como o que vemos a seguir: “A Igreja de Deus que vive como estrangeira em Esmirna, para a Igreja de Deus que vive como estrangeira em Filomélio e para todas as comunidades da santa Igreja católica que vivem como estrangeira em todos os lugares.”<sup>50</sup>. Este relato anônimo sobre o ministério de Policarpo (Bispo de Esmirna) retrata uma bela descrição de seu martírio a Igreja localizada na cidade de Filomélio; mesmo sendo ambas cidades da região da Ásia Menor (atual estado da Turquia), sua distância geográfica (aproximadamente 430 km)<sup>51</sup> não parece ter relevância quando agregada a situação religiosa envolvida. A ênfase escatológica do relato vincula-se a consciência de *universalidade* no fator expoente de se comunicar um fato tão associativo (martírio) para ambas as comunidades, isso é bem descrito por Kelly: “Dessa maneira, a igreja de Esmirna envia seu relato sobre o martírio de Policarpo não apenas à igreja de Filomélio, mas a todas as comunidades (*paroikias*) que constituem ‘a igreja santa e católica’.”<sup>52</sup>.

O relato ganha contornos emblemáticos oriundos da “reposta” do próprio Bispo em seu recurso de Fé, em seu rogo final Policarpo intercede balizado na questão que envolve o conceito da Igreja aqui apontado: “Quando por fim terminou de rezar, lembrou-se de todos

---

<sup>47</sup> DIDAQUÉ, IX, 4, p. 21; X, 5, p. 22.

<sup>48</sup> HÄGGLUND, 1999.

<sup>49</sup> MEEKS, 1997.

<sup>50</sup> MARTÍRIO DE POLICARPO, Introdução.

<sup>51</sup> Fonte: <https://www.google.com.br/maps/>. A busca ocorre usando as seguintes referências: "De: Esmirna; Para: Akşehir (nome moderno da antiga cidade de Filomélio).

<sup>52</sup> KELLY, 1994, p. 142.

aqueles que tinha conhecido, pequenos e grandes, ilustres e obscuros, **e de toda a Igreja Católica espalhada por toda a terra.**”<sup>53</sup>.

Desta forma, encontramos nos relatos instrutivos-congregacionais o peso de uma forma conceitual já bem desenhado nas descrições de *unidade* e *universalidade* eclesiais das primeiras comunidades; mesmo que alguns escritos – como o *Martírio de Policarpo* – tragam traços excessivamente romantizados<sup>54</sup>, é algo absolutamente considerável para o contexto (martírio), sendo dessa forma apresentado um panorama genuíno e resistente a circunstâncias desqualificadoras para os demais preceitos ordinários relatos em seu conjunto, além de conseguir manter de forma plausível uma fonte que pode ser caracterizada como preciosa base de literatura conceitual; em nosso caso, literatura eclesiológica.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa visou de forma sucinta construir com clareza e elaborar de forma satisfatória uma parte pequena - porém vital - do conjunto eclesiológico pós-apostólico recebido por meio da Sagrada Tradição, tornando-se este tão significativo para a Fé cristã em sua historicidade: a *Unidade (Una)* e a *Universalidade (Catholica)* da Igreja. É fato, que a *Unidade* e a *Universalidade* do Corpo de Jesus Cristo se estabeleceram como PROPRIEDADE/NOTA/MARCA de valor inegociável para a doutrina cristã, sendo que este conjunto já se encontrava alicerçado na prática e consciência dos discípulos do Século II através da pregação daqueles que se tornaram os sucessores dos Apóstolos de Cristo sobre a terra.

Concluimos assim que a estrutura eclesiológica em um processo contínuo - poder-se ia dizer evolutivo - se consolidou, além de adaptar-se e até mesmo aprimorar-se<sup>55</sup> nos primeiros decênios do Século II. Também salientamos que os Padres denominados Apostólicos foram determinantes nesta evolução, principalmente se tratando de figuras como as dos Bispos Clemente e Inácio, que moldaram pela iluminação da revelação apostólica os ditames dogmáticos de sua época<sup>56</sup>. Cabe ressaltar por último a assimilação das comunidades mediterrâneas (tanto do ocidente como do oriente) junto a essa regra da Fé, os escritos

---

<sup>53</sup> MARTÍRIO DE POLICARPO, VIII, 1, grifo nosso.

<sup>54</sup> SIMONETTI, 2010.

<sup>55</sup> BOGAZ, 2011.

<sup>56</sup> HÄGGLUND, 1999.

comunitários e instrutivos salientam esse entendimento da mensagem apostólica, concepção que foi determinante na construção futura das doutrinas eclesiológicas<sup>57</sup>.

Cabe também ressaltar que a presente pesquisa dentro de sua limitação temática e temporal, visou ser sucinta, além de possuir (propositalmente) uma forma indicativa e não exaustiva de suas abordagens no âmbito eclesiológico pós-apostólico. Desta maneira, possui diversas limitações textuais e temáticas em sua extensão: tanto relacionadas aos temas citados (Unidade e Universalidade), quanto aos abordados superficialmente, ou nem sequer citados (Etnicidade [Igreja: judia e gentílica], Estraneidade [*επιδημία*], Hierarquia [episcopado, presbitério, diaconato], Liturgia, Sucessão Apostólica, etc.).

Portanto, vale frisar que nos primeiros anos do cristianismo após o período da presença dos Apóstolos bíblicos, uma doutrina clara e forte já se encontrava em meio as comunidades nas quais a religião “estivesse viva e sadia”<sup>58</sup>. A convicção das *marcas* eclesiásticas permitiu que a Igreja desfrutasse dos benefícios consoladores oriundos de seu estado, provenientes de suas propriedades, concebidos de sua comunhão fraternal de caráter unívoca e plena. Inácio nos condiciona a esse legado, e como mensageiro apostólico edifica todo o Corpo de Cristo ao saudar a Igreja em Trales dizendo: “Saúdo-a em toda a plenitude, à maneira dos Apóstolos, e lhe transmito os votos da maior felicidade.”<sup>59</sup>.

## **ECCLESIOLOGICAL CONCEPTS OF THE CENTURY II: AN ANALYSIS OF THE ONE AND CATHOLIC NOTES IN THE POST-APOSTOLIC WRITINGS**

### **ABSTRACT**

This research presents a succinct bibliographical analysis of classic writings from the end of the first century to the middle of the second century, aiming to treat in a limited, central and indicative way the significant question of the Christian Church being a structure constituted of properties that define it as: *Only (Una)* and *Universal (Catholica)*. This interpretation is built from the Patristic class called Apostolic Fathers; besides proposing a succinct framing of other writings considered doctrinal of the same period. Starting from this literary group, it was considered to speak about: *unity* and *universality* in ecclesial formation in the post-apostolic

---

<sup>57</sup> KELLY, 1994.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 350.

<sup>59</sup> INÁCIO, *Epístola aos Tralianos*, Introdução.

period. Also, examine (separately) in the same section: the Apostolic Patristic understanding of the theme, and the elaboration of the same in the conception of two outstanding authors of the period (Clement of Rome and Ignatius of Antioch). Finally, we concisely examined texts of a community character related to the subject (*Didaque, Martyrdom of Polycarp*, others). In this way it was sought, laconically, to indicate factors determining the ecclesiological development of the first centuries.

Keywords: Ecclesiology. Church. Patristic. Only. Universal.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Antigo e Novo Testamentos*. Tradução de João Ferreira de Almeida (RA). 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. Português. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Texto Grego: The Greek New Testament. 4.ed. SBU, 1994. Textos Português: Tradução Literal. SBB, 2004; Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. SBB, 1993; Nova Tradução da Linguagem de Hoje. SBB, 2000. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A.; HANSEN, João H. *Patrística: caminhos da tradição cristã*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CLEMENTE DE ROMA. *Carta de Clemente aos Coríntios*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/primeira-carta-de-sao-clemente-aos-corintios/>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. Tradução, Introdução e Notas de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 17.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

DROHNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 6.ed. Porto Alegre: Concórdia, 1999.

HARNACK, Adolf von. *Storia del dogma I*. Mendrisio, 1903.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos Efésios*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/inacio-2.htm>. Acesso em: 05 de abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Epístola aos Esmirnenses*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/inacio-7.htm>. Acesso em: 06 de abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Epístola aos Filadelfios*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/inacio-6.htm>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

\_\_\_\_\_. *Epístola aos Magnésios*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/inacio-3.htm>. Acesso em: 19 de abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Epístola aos Tralianos*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/inacio-4.htm>. Acesso em: 25 de abr. 2018.

KELLY, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

MARTÍRIO DE POLICARPO. *Martírio de Policarpo*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/martirio-de-sao-policarpo-de-esmirna/>. Acesso em: 06 de abr. 2018.

MEEKS, Wayne A. *As Origens da Moralidade Cristã*. São Paulo: Paulus, 1997.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à Teologia Patrística*. São Paulo: Loyola, 1999.

PÁPIAS DE HIERÁPOLIS. *Explicações das Sentenças do Senhor. Fragmentos de Eusébio de Cesaréia*. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/fragmentos-das-obras-de-papias-de-hierapolis/>. Acesso em: 21 de abr. 2018.

POLICARPO DE ESMIRNA. *Epístola aos Filipenses*. Disponível em: <http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/pais-apostolicos/policarpo-de-esmirna-epistola-aos-filipenses.html>. Acesso em: 21 de abr. 2018.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2013. Disponível em: < <http://priberam.pt/dlpo> >. Acesso em: 25 de abr. 2018.

SCHÖLLENG, Greig. *Die Didache als Kirchenordnung. Zur Frage des Abfassungszweckes und seinen Konsequenzen für die Interpretation*: JAC 29 (1986) 5-26.

SIMONETTI, Manlio (Org.); BERARDINO, Angelo di; FEDALTO, Giorgio. *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Ave-Maria, 2010.